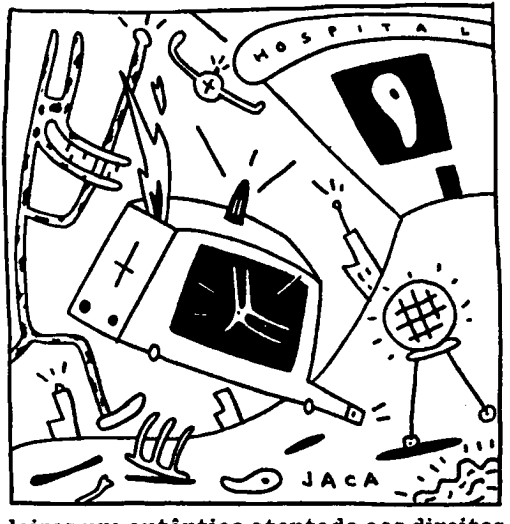
Em último lugar

Relatório do Banco Mundial sobre o estado da saúde em 152 países revela que a posição brasileira, em termos relativos, vai de mal a pior. O detalhe: o estudo comparativo levantou o quadro existente em 1990. Nos últimos três anos, o Brasil conseguiu piorar o que já estava péssimo. A saúde em último lugar.

□□□ Divulgado esta semana, o documento do Banco Mundial registra para o Brasil um gasto público, com saúde, da ordem de 2,8% do PIB. O gasto total, incluído o setor privado, teria sido de 4,2%. Nos Estados Unidos, campeão da área, o gasto total, naquele ano, foi de 12,7% do PIB. Em valores concretos: a saúde consumiu US$ 19,8 bilhões no Brasil e US$ 690 bilhões nos Estados Unidos. Certo, o PIB americano é 13 vezes maior que o PIB brasileiro. Mas o setor de saúde, nos Estados Unidos, é 34 vezes maior que o do Brasil. E a população americana não é nem o dobro da população brasileira: 258 milhões contra 145 milhões.

□□□ No caso brasileiro, pior do que a escassez do recurso tem sido o desperdício do recurso escasso. Cada dólar anda cumprindo o trabalho de 40 centavos, se tanto. Nos hospitais públicos, 40% dos equipamentos estão desligados por falta de manutenção. A contabilidade hospitalar está viciada por fraudes e desvios de todos os calibres. O ensino médico é frágil no treinamento e na pesquisa.

□□□ A degradação ainda maior do setor, nos últimos mil dias, está fazendo da assistência médico-hospitalar dos brasi-



leiros um autêntico atentado aos direitos humanos dos doentes — e também dos médicos e assistentes. Além dos salários acintosos, os profissionais da área não desfrutam de condições mínimas de trabalho. Não poucos hospitais brasileiros igualam-se, hoje, a hospitais da Bósnia sob o fogo da metralha.

□□□ O Banco Mundial recomenda ao Terceiro Mundo, Brasil no meio, maior empenho nos programas de saúde monitorados pelo Unicef. São práticas simples, eficazes e baratas no campo da prevenção de moléstias descartáveis. Caso da campanha do soro caseiro ou das imunizações em massa. Caso da Pastoral da Criança, com seus 47 mil agentes comunitários cuidando, hoje, de 1,7 milhão de crianças.